

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes

REDACTORES

Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento teórico e pratico

Vol. 5

Novembro - Dezembro de 1930

N. 11 e 12

Ministerio da Sauva

Não é pilheria, não. E' uma idéa muito seria e digna de meditação. Em verdade, ou o "Brasil mata a sauva, ou a sauva devora o Brasil"... E ninguem ainda refletiu nisso ou levou seriamente em consideração, a ruína que a sauva nos causa, porque os nossos problemas só são estudados na cidade, por gente da cidade, e tendo em conta sempre, invariavelmente sempre o bem estar, o progresso, a vida da cidade. Não fosse o brasileiro um animal essencialmente urbanista...

O homem do campo, esse não é ouvido em suas necessidades; ninguém quer saber do que ele precisa, as misérias que passa — a não ser como assunto de um discurso ou como base de um programa de governo ou de atividade administrativa. Vive dentro do Brasil, inteiramente, absolutamente ignorado. Ha, interior a dentro muita gente da roça que mal suspeita si isso que ai temos (ou que ai tínhamos) é Republica ou Monarquia... Como saber-se portanto, que a sauva é o maior inimigo contra que tem de lutar o lavrador no Brasil? Inimigo tão invencível que o lavrador já estabeleceu com ele um acôrdo: entrega lhe uma parte de suas terras, e na outra cultiva somente plantas não apetecidas pela terrível formiga. Ai está, para prová-lo, a ilha do Governador, em pleno coração do Brasil, entregue á sauva, abandonada pelo homem lavrador!

No Brasil não ha terra sem sauva. Ha terras: 1) com muita sauva; 2) com pouca sauva; e 3) terras onde a sauva ainda não faz mal ás plantas economicas.

Ora, perante esse estado de cousas, eu pergunto : em vez de um Ministerio de Agricultura e Comercio, não seria melhor um MINISTERIO DA SAUVA ?

Sim, da sauva ; destinado a fazer guerra de morte, guerra de extinção a esse flagelo permanente da economia nacional ; que gastasse milhares de contos por ano em aparelhos, formicida, ingredientes a empregar no combate, na luta contra essa praga de maleficios mais extensos e permanentes do que o analfabetismo, o amarelão, et caterva.

Somente porque o agricultor não pôde queixar-se, pois não sabe nem a quem queixar-se (imagine que ele ignora que houve um Congresso da Sauva no Brasil, em S. Paulo) é que talvez essas minhas palavras pareçam exageradas. A quem nunca plantou um pé de couve no Brasil, talvez elas pareçam sem pé nem cabeça. Mas quem assim julgar-me, que se resolva sair da cidade, não precisa ir longe, e procure cultivar seja o que fôr : abobora, por exemplo, e fatal será o encontro nada agradável com as imortais depredadoras do trabalho agricola nacional.

E acabar a sauva parece não ser cousa do outro mundo. Haja vista o que está empreendendo, com bom exito no Rio o sr. Oliveira Filho, do Serviço Florestal do Distrito Federal. Suas palavras animadoras a respeito da extinção da sauva na ilha do Governador, no Rio, são de alivio para quem considerar um instante o sombrio futuro da lavoura brasileira, si não encararmos de frente, corajosamente este magnó problema nacional.

Vejam o que informa ele : "Depois de dois repasses geraes nessa ilha, nos seus 830 alqueires de superficie, voltam a surgir lavouras. Nesses 830 alquesres foram extintos 8011 formigueiros enormes e grandes EM CADA ALQUEIRE DE 100 POR 50" (peço licença para pôr mais cinco exclamações) ! ! ! ! ! Esse numero iria a 200 (leiam bem : duzentos) por alqueire, si tivessem sido contados os formigueiros iniciais e um por um dos que formavam praça". Não é preciso mais comentario algum, perante esses algarismos. Si noticias semelhantes não se obtêm de outras partes, deve-se principalmente ao facto de todo proprietario de terras no Brasil, sempre afirmar jurando que no seu sitio ou fazenda não ha sauvas... para poder impingi-lo adiante.

Novembro, 1930

J. A. ANTONIL